

Revista Matto-Grosso

PUBLICAÇÃO MENSAL

DE

SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E VARIEDADES

Anno IX

Cuiabá --- Abril --- 1912

Num. 4



Surrexit



AL é a única epigraphe digna do cenotaphio de um Deus! E' o epinicio angelico de uma victoria verdadeiramente divina.

O milagre é o argumento ideal proprio de Deus. Tem o resumo em si a realidade inconcussa do facto, a comprehensibilidade vulgar do sensível, a curiosidade do extraordinario e a profundidade abstrusa do sobrenatural e do infinito.

Os pagãos attribuíram a seus nunes um aroma peculiar, que lhes denunciava a presença.

O milagre é o verdadeiro perfume da divindade que lhe revela a presença e o influxo. E', no dizer singelo de S. Thomaz, a obra propria de Deus.

Mas a resurreição é o milagre dos milagres. Nenhuma lei physica tem a estabilidade inviolavel e sacra da lei da morte.

Admiravelmente exprimíam os Egypticos essa firmeza inabalavel

com os pyramides eternas dos seus tumulos.

A resurreição quebra, no entanto, a lei da morte. Assim é que Jesus sae do sepulchro como o legislador supremo, sobranceiro a todas as leis da natureza, num gesto sublime da divindade.

A campa granitica de Deus é a pedra angular da nossa creença.

Todos os ataques contra ella, tem a fragilidade vidrenta e ridicula da velha astucia dos principes dos sacerdotes e dos anciãos.

«Dizei que os seus discipulos viveram á noite, e roubaram-n'o, enquanto dormiamos», insinuaram elles aos guardas, propinando-lhes copiosa gorgeta.

Com muita argucia e razão diz S. Agostinho que estes judeus, comprando para negarem a resurreição do Christo, essas testemunhas que dormiam, mais estremunhados se mostraram do que ellas proprias.

Entretanto, «essa mentira divulgou-se entre os Judeus até o dia de hoje», faz notar o evangelista.

E nós podemos acrescentar que

é ainda o mesmíssimo o systema da incredulidade moderna, systema, que tanto mais fútil e detestável se tornou, quanto perdeu tudo o que tinha de original e novo, para substituí-lo pelo bafo de uma antiguidade millenária, que, si conserva e consagra as coisas boas, derranca as más.

O sepulcro aberto de Jesus é o berço da nossa esperança.

Si Elle resurgiu dos mortos, nós também resurgiremos.

Esta esperança enche e embalsama o coração da humanidade, mais miserável não raro que Job no seu esterquilínio.

E' ella que nos faz vêr na cova um sulco fecundo de vida e no cadaver que baqueia, um germen de immortalidade e de gloria.

A semente que se atira ás leiras,

deve antes apodrecer para depois re-bentar em flôr.

Assim o nosso corpo como que se semeia na corrupção, para resurgir incorruptível, semeia-se na fraqueza para resurgir no vigor e na agili-dade, semeia-se na miséria para resurgir na gloria.

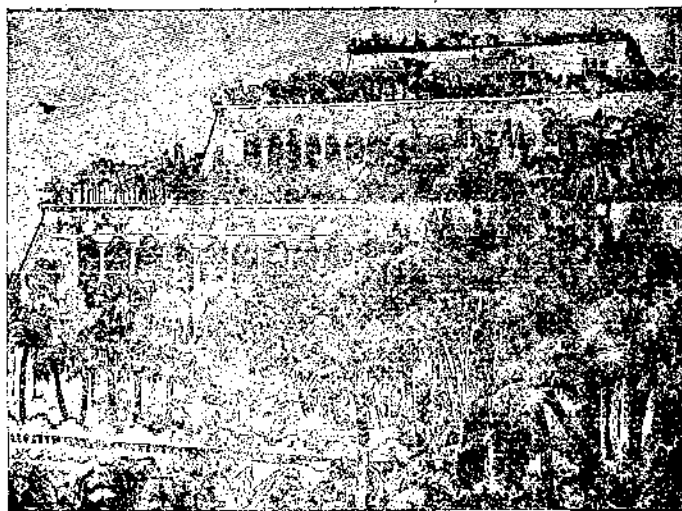
Tal é a poetica Theologia de São Paulo.

- Bem hajas tu, meu Deus, que nos legaste em um só gesto infinito de amor, esta pedra fundamental para a nossa fé e este berço para a nossa esperança.

Nesta alvorada verdadeiramente dominical da tua Ressurreição, tão cheia de arômas, tão povoada de visões de anjos que falam, surge e alasse também nossa alma do caírel do teu sepulcro, preludiando as alleluias eternas da immortalidade.

Cuiabá, 7 de Abril de 1912.

P. Aquino Corrêa.



JARDIM SUSPENSO DO SEMINÁRIO
Lado da Capela de São Francisco

O Barão do Rio Branco

CURIOSAMENTE ESTUDADO POR UM ESCRITOR ARGENTINO

«Tinham-me dito que o barão do Rio Branco era muito madrugador, como em geral são os homens de trabalho no Rio de Janeiro, pelas exigências do clima. Por isso, dirigi-me ao Itamaraty, pelas 9 horas da manhã. Saltei de um «bondinho», dos poucos que ainda são tirados por mulas, e penetrei em um vasto vestibulo. Um homem de aspecto palaciano, o mordomo da chancellaria, recebeu-me com gentileza. Disse-lhe de onde vinha e para que. Desejava em nome de «El Diario», de Buenos Aires, saudar o barão do Rio Branco.

—S. ex., disse-me o mordomo, deitou-se ás 8 horas, de sorte que considero difficil possa fallar-lhe antes do meio dia...

Eu não pensava do mesmo modo, pois acreditei tratar-se das 8 horas da noite anterior. Mas o mordomo tirou-me do engano em que eu estava, accrescentando á guiza de explicação cortez: «Como s. ex. esteve tres dias em S. Paulo, o expediente ficou atrazado e por isso passou toda a noite despachando...»

Sem difficuldade fiquei de todo convertido á judiciosa opinião do mordomo. O Barão do Rio Branco se havia deitado apenas uma hora antes da minha visita... O facto era curioso, mas, segundo me informaram, não era raro. Com muita frequencia o barão trabalha até romper o dia, pelo menos duas ou tres vezes na semana. Mora em Petropolis com a sua familia, mas quando um serviço qualquer o retém no Rio até o anoitecer elle se deixa seduzir pela ingente tarefa que o solicita, encerra-

se em seu gabinete, faz ali uma refeição frugal e passa toda a noite em claro, estudando protocolos, meditando soluções de grandes problemas e de assumptos pequenos, de questões exteriores e de coisas caseiras, edilicias, policiaes, de ornamentação publica, de gasalho a viajantes distinctos, de cultura ou de esthetica urbana, de tudo, menos de politica interna. A actividade do chancellor é enorme e minuciosa, á semellhança de uma proboscida que tanto arranca uma arvore pelas raizes como levanta do solo uma agulha. Montanhas de expedientes, cordilheiras de telegrammas o aguardam sempre, transbordando as mesas e elle, com a sua mobilidade calma e tranquillidade de sexagenario obeso e corado, sem um gesto inutil ou um minuto vazio, sem um bocejo de cansaço, sem um assomo de aborrecimento, sem abrir outra valvula á sua energia a não ser a minuscula chaminé, sempre fumegante, de seu cigarro de palha, se submerge no trabalho e vai girando á roda da sua decisão como o volante de um mecanismo mental que não se engana, nem vacilla, nem recua. Quando pude dar uma vista de olhos no intimo daquelle labor desmedido e methodico, me veio á idéa, quicá um pouco absurda, porém graphica, de uma dessas debulhadeiras a vapor que se vêm funcionar aos milliares nos nossos campos durante a colheita, recebendo incessantemente feixes inteiros de espigas e, sem esforços nem demora, por um lado, atirando para o ar a palha inutil, e, pelo outro, aproveitando o grão lim-

po e prompto para ser transformado em pão.

Estas imaginações comparativas ainda me ocorreram outra vez quando, acompanhado por um gentil amigo que era muito da casa de Itamaraty, tornei a tentar a entrevista, desenhando-me do Barão que acabava de sair para o palácio presidencial. O meu desejo era uma visita singela e despretenciosa—um discreto «ex-abrupto» jornalístico, sem as solennidades cohibitorias de uma audiência official. Sabia que o ministro tem de sobra experiência do mundo para não levar a mal uma abordagem em tal estylo, e eu não quiz desistir do meu proposito. O desenhamento, porém, longe de me fazer perder a turde, suggeriu-me o vivo desejo de um lance de olhos furtivo á mysteriosa officina de trabalho internacional sem a presença do dono da casa; e o amavel companheiro accedeu ao meu desejo, introduzindo-me sem tropeços no palácio.

O Itamaraty é como o Cattete, obra de um gran-senhor opulento e requintado na complexa e elegante sciência da vida. Como o Cattete, também o palácio da chancellaria, comprado a um nobre do Imperio, não deixa imaginar, visto de fóra, o que realmente é. Parece um casarão. O amigo que me acompanha diz em resposta a uma observação minha: «O senhor verá que as casas e as coisas do Brazil são quasi sempre melhores que o seu aspecto exterior, o ganham a medida que são vistas por dentro...»

Comagrado vou concordando. Effectivamente o palácio, uma vez transposta a escadaria de honra, vai revelando a magnitude, a sumptuosidade severa e artistica, o nobre sabor antigo de uma grande residen-

cia senhorial. Vastos salões, com bellas colgaduras e cortinas de seda ou de damasco, com magníficos tapetes persas e tapeçarias de Aubusson representando fortunas como valor e como arte, se succedem decorados de bustos, em bronze de estadistas e diplomatas, e de uma profusão de quadros, assignados invariavelmente por artistas brasileiros. Um bello jardim tropical fórma o centro do extenso edificio, flanqueado por salas, gabinetes, dependencias, archivos; e no fundo um corpo inteiro de dois pavimentos, construido expressamente, encerra o thesouro de uma bibliotheca diplomatica, de valor incalculavel, que é o amor, o orgulho e o arsenal de combate do barão do Rio Branco.

Após um rapido passeio pelos salões e salas do expediente diario, todos abertos, passamos em frente a uma porta cerrada. O meu guia disse:

—Este é o gabinete privado do Rio Branco.

Eu precisava ver esse lugar porque até então nada tinha encontrado de característico, nada que rigorosamente se referisse ao homem cujo nome, cuja popularidade, cujo prestigio, como uma lenda e uma obsessão, tivera sempre presente desde que pisei terras do Brazil, fluctuante em todas as conversações, surgindo em todos os discursos, centro de um fervor, de um carinho, de uma confiança apaixonada por parte de todas as classes do paiz.

Eu ouvira dizer a bordo: «Rio Branco é adorado no Brazil». E tinha a suspeita de que a expressão fosse um tanto exaggerada. Porém, depois de andar durante um mez por cidades e campos, verifiquei que ella correspondia á realidade. Nunca vi exemplo de prestigio semelhante, tão completo, tão sem sombras de

suspeitas, nem distincções, reservas ou ciúmes. Mesmo os homens políticos que combateram o chancelier em empresas como a do Acre, a qual deu ao Brazil o monopólio da borracha, se haviam rendido, convencidos ou levados pela ondata hoje a adhesão a Rio Branco é um facto nacional.

Por circumstancias especiaes, tive em minhas digressões, oportunidade de ouvir numerosos discursos, sobre assumptos que nada tinham com a pasta dos negocios estrangeiros ou só mui remotamente se relacionavam a ella. Mas nenhum orador, com ou sem pretextos amáveis, deixou de se referir ao barão do Rio Branco.

E o publico, fosse elle composto de damas decotadas e cavalheiros encasacados, ou de robustos e esforçados camponezes, aguardava sempre a referencia como uma coisa indispensavel. E quando a allusão asso-mava, quando o orador, elevando a voz, com um gesto largo de expectativa, começava a dizer, por exemplo, accentuando a phrase:

— «Ha, porém, um brasileiro...»

Já se sabia de quem ia fallar, e o publico prorompia em aclamações: «Rio Branco! Rio Branco!...»

O exito oratorio estava assegurado, qualquer que fosse o resto do discurso, pois os applausos quasi não permittiam ouvi-lo.

Manuel Bernardes.

(Continúa)

Lyceu Salesiano

— Em additamento á noticia que demos em a nossa edição de domingo ultimo, da visita feita pelo Exm. Sr. Dr. Presidente do Estado ao Lyceu «St. Gonçalo», importante estabelecimento de educação intellectual, moral e profissional projectadamente dirigido pelos incansaveis e operosas padres salesianos, que effezadamente collaboram em bem do progresso moral e material do nosso Estado, publicamos em seguida a mimosa poesia recitada por occensão da mesma visita, pelo jovem e intelligente alumnus Generoso Ponce, a qual é da lavra do sympathico e talentoso sacerdote patricio Dr. Aquino Corrêa.

O JOVEM PATRIOTA MATTO-GROSSENSE

Sou pequerrucho,
Mas... cidadão!
E faço luxo
Do meu torrão.

Aho o meu herco
Como ninguém,
Sei que o universo
Igual não tem.

Não tem as seivas
De uma sou palmar,
Nem essas folhas
Sempre a brotar.

Mattas de levoas
Bordam-lhe o chão,
Suas áreas
Diamantes são.

E que thesouro
Nos teus herveas,
Terra do outro
E dos meus paes!

Sou pequerrucho
Mas... cidadão!
E's o meu luxo,
Oh! meu torrão!

*

De breve historia
Nos arreboes,
Já tens a gloria
De altos herões.

Pois já inscreves
Em teu brazão,
Um bravo Neves
E Antonio João.

Deveu-te o ninho,
Ninho de amor,
Ponce e Martinho,
Águia e condor.

De luz se tinteira
Teu nome lá
Na forte Coimbra
E em Coimbra.

E nos Dourados,
Não foram, pois,
Quantos soldados,
Tantos herões?

Sou pequerrucho,
Mas... cidadão!
E faço luxo
De gratidão.

*

Sou grato aos filhos
De extranhos côns,
Que deram brilhos
Aos lares meus.

D' O Debate

A ti meu peito
De amor fidal,
Oh! forte peito,
Grande Paschoal!

Pois tu, primeiro,
Chantaste a cruz
No lar guerrino
Dos ganyenús.

E vós, oh! almas,
Que além brilhaes
Por entre palmas
Celestias!

Como arrebatada
A vossa fé,
Frei Macerata,
Oh! D. José!

O riso e o p'bro
Choram por ti,
Oh! alma nobre
De Anacaty!

De um genio o braço
Em ti se ve
Flor do Melgaço,
Oh! Leverger!

Sou pequerrucho,
Mas... cidadão!
E faço luxo
Do meu torrão.

As leis venero
Do meu paiz,
Glorioso o quero,
Quero-o feliz.

E hoje, prostrado,
Beijo essa mão,
Que do amplo Estado
Rege o timão.

Em vós da amavel
Patria gentil,
Brilha o adoravel,
Nobre perfil.

Por vós levanto
Ao muros aos côns,
Um voto santo
Fazendo a Deus.

Rogo ao Eterno
Colme de paz
Vosso governo
Brando e effez.

Aos flancos vossos
Unam-se, irmãos,
Todos os nossos
Conciidãos.

E que ao descordes
Da alta curul,
Vos chovam verdes
Palmas do azul!...

PADRE AQUINO CORRÊA.

De flôr em flôr

Pensamentos do illustre e venerando Dr. Manoel Pinto da Silva Torres, nosso egregio collaborador do R. de S. Paulo, a quem profundamente agradecemos estas flôres da sua alma de escriptor e finetico de 40 annos de meditações, com as quaes vai dormitando a fôlha e guardada a nossa humilde Revista.

A REDACÇÃO.

IV

A felicidade é uma planta que floresce nas campinas da Céo, e que não pode aclimar-se na terra.

Os maiores homens forão sublimes quatro ou cinco vezes em sua vida, como Cesar, quando disse ao barqueiro que o conduzia no meio de uma tormenta: «Que tens? olha que conduzes Cesar.»

Sempre foi vileza atacar quem se não pode defender: mas nada iguala a torpeza da maledicencia, quando ella vai revolver as cinzas do homem, que já foi julgado por Deus, denegri-lo no tumulo, persegui-lo no seio da eterna noite. Si alguém ha, que olhe com indifferença esta alliança monstruosa da barbaridade e da fraqueza, dá um triste documento da sua delicadeza e da sua moralidade. «*Bastos*»

Amigos do meu.—Quando alguém tem pão em sua casa, tem também em sua casa amigos. Esta casta de amigos, não meus, senão do meu, tem varias semelhanças, que declarão mais a sua falsidade. Uns disserão que se perecião com os golphinhos que acompanhão festivamente os meninos que andão nadando, em quanto ha bastante agua onde elles o possão também; mas tanto que esta falta, se retirão ao alto, porque não querem dar em secco. Outros os comparão ao corvo, que tornou para

a arca e companhia de Noé, só emquanto não achou cadaveres que comer, porque o diluvio estava ainda sobre a terra. Outros o comparão ao azougue, que se pega muito ao ouro, onde quer que lhe dá o furo delle; mas se o mettem no fogo, em um momento vão. Ha hoje muitos amigos azougados, que no tempo do fogo da tribulação logo fogem. Outros os assemelhaão ás formigas, que nunca andão pelos celleiros vasillos.

«*Pad e Manuel Bernardes.*»

O rato e o vagalume.—Rato. Esperdiças luz. Vagalume. Que te allumia. Rato. Em bom lavor te empregas. Vagalume. Tu o destróes. Rato. Aturado me occupo. Vagalume. Quando rões. Rato. E's um ocioso. Vagalume. sou de noite guia.—O Vagalume é o sabio, o rato é o critico. «*P. Elysio*»

Dissera o dono do campo á seus criados, que tratassem de metter a foice se vissem estar os pães já sazoados; ouvindo este recado uma das cotovias que tinham seus ninhos entre as searas, foi pelos ares avisar as outras que mudassem de sitio, porque vinha logo os segadores; porém outra mais velha as aquietou do susto disendo: Deixemo-nos estar, que de mandar elle os criados á fazer-se a obra vai ainda muito tempo. D'alli alguns dias, ouvirão que o amo se agastava com os criados, porque não tinham feito o

que lhes encomendara, e que mandava sellar a egua para elle mesmo ir vêr o que convinha. Agora sim «disse aquella cotovia astuta», agora sim, irmãos, levantemos o vôo, e mudemos a casa, que ali vem quem lhe doê a fazenda. «Quem quer vai, quem não quer manda. » *Padre Manuel Bernardes.*

* *

A vergonha e fidelidade não morão com a politica nem com a ambição.

* *

Os homens de genio tratam quasi sempre os seus negocios, como os ignorantes os livros, por não os entenderem.

* *

O traço do vôo das aves no ar, e o sulco dos navios nos mares, não se apagam mais depressa do que o pensamento da morte, no coração do homem. «*Young.*»

* *

O Christianismo é o grande principio da civilisação moderna; porque estabelece a doutrina da caridade, e fraternidade universal, e o imperio da intelligencia sobre a materia.

«*Chateaubriand.*»

* *

O aváro começa a ser util desde que morre.— Um homem sem familia, sem amigos, sem religião, sem amor, é um morto sem tumulo.— Um homem vulgar chega-se ao homem distincto para ser visto; é quando realmente se fez invisivel.

* *

S. Bernardo diz que não ha menos desordem em ouvir a maledicencia, que em proferi-la. S. Gregorio accrescenta, que ha talvez, mais condemnados ao fogo eterno pela terem ouvido, que por a terem proferido. Acontece frequentemente ser um só o diffamador, e os espectadores muitos; e é por isso que o crime é

mais facil de se multiplicar nestes. Um só piloto, se perde, quando a sua maldade, ou os seus erros sepultão a não nos abyssos; mas os homens da tripulação são muitos, e todos perecem no commum naufragio. S. Francisco de Salles diz, que o detractor, com um tiro envenenado da sua lingua, faz regularmente tres mortes: mata sua alma, a do que o escuta, e rouba a vida civil de quem maldiz.

* *

Quem dá aos pobres empresta á Deus. «*H. Hugo.*» Lembrai-vos, diz Bossuet aos ricos, que de todos os vossos thesouros, só levareis para o outro mundo, a parte que tiverdes dado neste.

* *

O imprudente, que repete a sua loucura, é como o cão, que torna outra vez ao que tinha vomitado. «*Salomão.*» Falla-se tanto em lagrimas!... Ha umas só que repetem com a mesma amargura muitas vezes; são as da mãe que pede pão para seus filhos.

* *

Se illuminado, commovido, extasiado pela doutrina catholica, tentardes arrancar-lhe o véo que vos encobre parte de sua magestade, ella vos lançará por terra, dizendo-vos: Adora e cala-te. «*Lacordaire.*»

* *

Vio uma vez S. João Esmoller, que algumas pessoas nobres vierão por-se a conversar no portico da Igreja, no tempo da missa. Sahio-se pois elle tambem e se assentou entre elles, dizendo: Cumpre estar o Pastor onde as ovelhas. Entendida a correccão suave e modesta, seguirão a emenda, e entrarão para Igreja.

«*Padre Manoel Bernardes.*»

Continúa

Os Boróros

De mui bôamente respigamos, para archivar-os em nossos fascículos, os bellos conceitos com que «A Cruz» e «O Debate», os dois mais conceituados organs da imprensa indigena, commemoraram a chegada dos 24 indios boróros, pacificos mensageiros do sertão, que são vindos a esta capital inaugurar em os trabalhos do grandioso Santuario de N. Senhora Auxiliadora no Lyceu Salesiano.

Eil-os:

A VIRGEM AUXILIADORA E OS BORÓROS

«Capitaneados pelo intrepido missionario salesiano, Rvdo. P. João Balzola, vão chegar hoje ao Lyceu Salesiano vinte e quatro indios Boróros, valentes filhos do planalto oriental do Estado.

Representantes lidimos da bravi-a raça, que hoje, mercê da catechese salesiana, se regenera e surge no scenario civil, vêm elles prestar primeira mão d'obra ao Santuario de Maria Auxiliadora, cuja pedra fundamental será, si Deus prouver, lançada na proxima festividade annua da mesma Celestial Patrona dos Salésianos.

Estupendo quadro por sem duvida, esses espadaridos torsos e musculosos braços indigenas, empunhando a pá e vibrando a picareta, a prepararem, num magnifico gesto de gratidão, o pedestal de um throno para Aquella que é a Rainha dos Apostolos e missionarios, e lhes envia e protege os Catechistas e redemptores, como protecção outora e

inspirava o refem sublime das praias do Iperoig.

Bravo! pois aos Boróros!

Bemvindos aos nossos lares os filhos do deserto e o sei digno Chefe.»

(*D'A Cruz* de 21 de Abril)

«Hontem ás 2 horas da tarde, em visita ao Exm. Sr. Dr. Joaquim Augusto da Costa Marques, benemerito Presidente do Estado, estiveram 24 indigenas da tribu dos boróros trazidos á presenca de S. Exe. pelo incaeçavel salesiano padre João Balzola e pelo illustre patricio padre Francisco de Aquino Corrêa, director interino do Lyceu Salesiano.

Recebidos por S. Exe. no salão nobre do Palacio, usou da palavra o jovem brasileiro aborigene, educado pelos salesianos, de nome Thiago Aipoburên Marques, que leu as seguintes palavras, apresentando os seus irmãos de origem:

«Exmo. Snr. Dr. Presidente do Estado.

Cabe-me a honra de apresentar-vos hoje os meus irmãos das saudosas margens do Garças, Barreiro e Sangradouro, os quaes neste momento vos saudam respeitosa e mente.

São elles recémchegados para prestar os primeiros serviços na construcção do Santuario, que em breve surgirá sobre o morro do Lyceu Salesiano desta capital, como homenagem á Nossa Senhora Auxiliadora, a celeste Padroeira dos nossos missionarios.

Antes de tudo, porém, quizeram vir trazer os protestos do seu acatamento e fidelidade ao primeiro chefe do Estado. Dignae-vos de acceital-os.»

Estes nossos patricios das florestas apresentaram de chapéo de carnauba e trajando calça de brim e camisa de morim e riscado, e mostraram o menor desembaraço, ao apertarem a mão do Exm. Sr. Dr. Presidente do Estado, que os recebeu com a mais franca sympathia, e mandou distribuir-lhes chavanas de café, que gostosamente foi bebido pelos verdadeiros brasileiros.

O reverendo padre Balzola trouxe esses indigenas das tres colonias Salesianas de S. José (Sangradouro), Sagrado Coração (Barreiros) e Immaculada Conceição (Araguaya e Rio das Garças), e vieram, a convite desse incançavel missionario, ao qual ouvem religiosamente, para trabalhar nos desaterro e aterro do local onde vai ser erigido o Sanctuario de Maria Auxiliadora.

Chamaram a attenção do Exm. Sr. Dr. Joaquim da Costa Marques, digno Presidente do Estado, e de outras pessoas que presenciarão a visita dos selvicolas, a compleição forte e robusta e a estatura acima da media que os nossos irmãos estacionarios apresentam.

O sr. Sophian Niebler, photographo do Serviço de Protecção aos indios do Ministerio da Agricultura, á sabida dos boróros, em frente ao Palacio, tirou uma photographia, em grupo, destes nossos irmãos, sendo tambem focado pelo aparelho de Viepce o Presidente do Estado, Exm. Sr. Dr. Joaquim Augusto da Costa Marques, e outras pessoas que, de uma das janellas desse proprio estadual, estavam contemplando os brasilei-

ros genuínos tomarem posição para ser retratados.

Felicitamos ao reverendo padre João Balzola pela confiança com que se impõe aos fortes boróros, e, mais uma vez, estamos crentes da utilidade da Missão Salesiana na catechese dos nosso aborígenes: e, com apresentar este grupo de homens, destemido catechizador nos dá uma prova de que, para felicidade do nosso amado Brazil, não muito longe estará o tempo em que os nossos irmãos das selvas estarão commungando com os civilizados na obra suprema do progresso, o amor, e o desenvolvimento da nossa cara Pátria, que deve mais a mais, auxiliar os salesianos na nobre missão de chamar ao trabalho e á evolução os nossos brasileiros legítimos, em prol dos quaes já tanto José Bonifácio se empenhara.»

(D'O Debate de 23 de Abril)

A FESTA DOS INDIOS BORÓROS NO LYCEU SALESIANO

«Pelo seu quê de original e novo, pelo seu symbolismo sympatico, pelo seu cunho de effusiva cordialidade, foi simplesmente um encanto—a singela festa que ante-hontem, ás 8 horas antemeridianas, como annunciaramos, se realisou no Lyceu Salesiano desta cidade.

Uma turma de 24 indios boróros, representante de todos os seus irmãos das colonias indigenas salesianas do rio das Garças, Barreiros e Sangradouro, iniciou solemnemente, em homenagem de gratidão, os trabalhos de nivelamento do morro, sobre o qual deve erguer-se o santuario de Nossa Senhora Auxiliadora, Patrona das obras de veneravel P. Bosco.

Primeiro numero do programma foi uma

MISSA—a que assistiram todos os convidados, os alumnos do Lyceu e os 24 silvcolas fardados de uniformes pardos gentilmente offerecidos pelo Exm. Sr. 1. Tenente Heron Keller.

Com edificante recolhimento e respeito, rezaram estes as orações na sua lingua boréro, guiados pelo bravo missionario Rev.do Padre João Balzola, chefe da caravana indígena.

Passaram-se em seguida os convidados e alumnos para o local dos trabalhos, para onde tambem entre as harmonias marcicas da excellente banda do Lyceu, despidas as tunicas, desfilou com as suas camisas de meia bizarramente listradas, o imponente batalhão dos caçadores das florestas.

Teve lugar então a formosa e bem inspirada.

ALLOQUÇÃO—do Rev.do P. Dr. Francisco d'Aquino Corrêa, director interino do Lyceu, que poz em destaque o nobilissimo ideal de gratidão dos boréros para com a Virgem dos Salesianos.

Concluiu erguendo vivas á N. Senhora Auxiliadora e á esperançosa nação dos boréros.

As palavras do illustre orador, cheias de arrebatadoras imagens, foram mais um attestado da justa fama dos seus distinctos dotes oratorios.

INAUGURAÇÃO DO SERVIÇO—Em acto continuo, sob a direcção technica dos illustres engenheiros, Dr. Washington de Aguiar e Dr. Miguel Carmo d'Oliveira Mello, inauguraram-se solennemente os trabalhos.

Era de vêr aquelle renque de possantes bustos e musculosos braços

selvagens a vibrarem rythmicamente as picaretas, sob um sol deslumbrante como apothéoses, e por entre os hymnos festivos da banda...

Foi como o acto solemne da incorporação do indio boréro á sociedade civil pelo trabalho. Monumento commemorativo desse grandioso facto será um templo, isto é, o surto mais sublime da humanidade para o infinito e a synthese de todos os seus mais nobres ideaes.

ACTA.—Após serem servidas bebidas finas aos indios e a todos, procedeu-se á leitura da acta, que foi pelos presentes entusiasticamente applaudida e assignada.

AS PESSOAS PRESENTES.—Notamos o Exmo. Sr. Dr. Presidente do Estado, representado pelo seu D. Adjuncto de Ordens, Tenente Oswaldo Cicero de Sá, o Exmo. Sr. Tenente Coronel Intendente Municipal representado pelo seu Secretario, Major Manoel Ribeiro dos Santos Tocantins, o Exmo. Sr. Joaquim Maia, pela Inspectoria do Serviço de Protecção aos Indios e Localisação de Trabalhadores Nacionais; Exmo. Sr. 1. Tenente Heron Keller, Exmo. Sr. Dr. Emilio Amarante Peixoto de Azevedo, Director da Repartição de Terras; Exmo. Sr. Tobias Candido Rios, Delegado Fiscal do Thesouro Nacional; Exmo. Sr. Dr. Washington de Aguiar, Director de Obras Publicas, Dr. Miguel Carmo d'Oliveira Mello, Padre Frei Ambrosio Daydê, pelo jornal *A Cruz*, Dr. Octavio Cunha, por esta folha, Lammartine Ferreira Mendes, por seu pae Desembargador Ferreira Mendes, Sophian Niebler, photographo, e outros.

Foram apanhados pelo habil photographo, Sr. Niebler, varios grupos photographicos.

Saudamos os incansáveis e virtuosos Padres Salesianos desta Missão por mais este triumpho incontestável da sua obra regeneradora em prol do nosso aborigene!

(*D'O Debate* de 26 de Abril).

A EMBAIXADA BORÓRO

«A CHEGADA.— Conforme prenunciáramos, chegou no domingo ultimo, ao Lyceu Salesiano, chefiada por tres caciques sob a direcção do denodado sertanista, Rvdo. Padre João Balzola, da missão salesiana, uma luzida embaixada de 24 indios da futura tribo dos Boróros.

Festivamente recebidos ao som da maviosa banda do instituto, pelos lentes e alumnos e numerosas pessoas presentes, a todos empolgaram pela pujança physica, pelo sereno e alegre da physionomia, mas, sobretudo, pela polidez de maneiras, revelações luminosas de uma raça nobre e forte e de uma educação catechetica admiravel. Que contraste entre esses 24 athletas indigenas e os boróros que estamos affeitos a contemplar pelas nossas ruas, vagabundos, maltrapilhos, brutos, boçaes, borrachos, insolentemente mendicantes!... Bem haja quem os reabilita!

Oxalá que aos sympathicos mensageiros das tabas do oriente, não depare a nossa cidade, a *grande taba*, senão as flôres da hospitalidade e as palmas do triumpho!

NO PALACIO ARCHIEPISCOPAL

Polas 2 horas postmeridianas do dia seguinte, 22 do fluente, desfilou o batalhão pelas ruas da cidade, que se apinharam de gente para admirar-os.

Iam visitar as duas supremas autoridades do Estado, o Exmo. e

Rvmo. Sr. Arcebispo e o Exmo. Sur. Dr. Presidente do Estado.

Acolhidos paternalmente pelo venerando Pastor, beijaram-lhe todos reverentemente o sacro anel e foram à capella do palacio onde recitaram breve prece em lingua boróro.

S. Exma. Rvma. transbordava de lidima consolação vendo assim arrelanharem-se tantas ovelhas que ainda eram fóra do seu mystico ovil. Distribuiu a cada um, como lembrança, uma moeda de prata, e, por fim, abençoou-os.

Que a benção do augusto antistite se transfunda em toda a raça, fecundando-a cada vez mais para a civilização e o progresso.

NO PALACIO PRESIDENCIAL

Apresentados com breves palavras pelo joven e intelligente boróro Thiago Aipolauru Marques, estudante do Lyceu Salesiano, foram os embaixadores das selvas carinhosamente recebidos pelo Ex. Sr. Dr. Presidente do Estado, que se entreteve com os R.R.P. P. Balzola e Aquino Corrêa, em amistosa palestra sobre os indios alli presentes e a marcha ascencional da catechese salesiana.

Ossilvicolas tinham-se derramado pelo salão nobre, assentados sobre o tapete escurlate.

Estava um quadro de encantar a Victor Meireilles ou Pedro Americo.

Foi-lhes então offerecido saboroso café pelo Dr. Presidente, que, ao se despedirem, quiz photographar-se no meio delles, em signal de benevolencia e interesse pela raça e por aquelles que assim a nobilitam.

Dirigiram-se em seguida à inspecção de Protecção aos indios, onde se apanhou tambem um grupo photographico.

Inauguração dos trabalhos do santuário de N. Sra. Auxiliadora.

O que foi essa encantadora função, que se desenrolou no dia 24 do corrente, no Lyceu Salesiano desta capital, já noticiou, archivando-a em larga chronica para a historia, o importante diario "O Debate", no artigo de fundo da sua edição de ante-hontem.

Apraz-nos, porém, lançar aqui algumas considerações suggeridas por essa pagina do insuspeito organ politico.

Aquella função, diz elle, foi como o acto solemne da incorporação do indio boróro á sociedade civil pelo trabalho. E foi.

Nunca o boróro tomára parte, em plena cidade, no mourejar do nosso progresso. Hoje são elles vindos prestar o contributo do seu trabalho intelligente na construcção de um monumento que vai realçar de muito a craveira do nosso adiantamento edilicio.

Já se não apresentam elles a nossos olhos brandindo arcos ou tacapes, mas enxadas, pás, picaretas e foices. Não mais as armas, da barbarie, que destróem, porém as da civilização e do trabalho, que edificam.

Urgia mesmo, pois, trocar o mosque e a espada pela cruz.

Bem o'dissera o major Duarte. A espada pode apenas domar, não educar; quem educa é a cruz.

Pode a espada desarmar as mãos do vandalo; não é, porém, capaz de nellas pôr os instrumentos de um trabalho consciante.

A espada se levanta para humilhar; a cruz se humilha para levantar.

A espada quer a submissão; a cruz quer o perdão e o amor.

Na espada — a violencia; na cruz — a liberdade.

Naquella — a força; nesta — a razão e a fé.

Que abyssmo, pois, entre o nosso primitivo systema de pacificação e a catechese catholica!

Quam bem merecem do Paiz e da humanidade os que renovam pela cruz o heroismo dos Nobregas e Anchietas!

(*O A Cruz*, de 28 de Abril de 1912.)

Logogrifho

Só o santo DEUS de Egea! Wreck

(10...)

As meigas flores que as campinas ornão, 11,9,8,9)

Da branda brisa o magico cio;)

Os astros que o celeste azul a tornão, 9,4,6,3,5,2,1

Das fontes, da cascata o murmúrio; 1,13,10,2,4,1
(8,1,2,9,3,1)

Os rugidos do mar, fera, bravo, 9,3,9,4

Que, de terror, a manto as transtornão;

O pillar das aves e o rocio

Que, ao sol nascente, as petalas entornão;

O amor materno, riso da criança, 4,7,10,12.

A virtude, a caridade, a esperança,

O céu e a terra—em fim a natureza;

Tudo nos diz que ha Deus, que Deus existe!

Que na—bondade—o seu poder consiste,

Que reside no—amor—sua grandeza!



CHARADAS

NOVISSIMAS

Avistei a ave no circulo—1-2.

Temos vasos para adorno—1-2.

SYNCOPEADAS

3—Peixe e ovo—2.

3—Humilde que padece—2.

3—A constellação tem gravidade—2.

BISADAS

3—Criança que soffre—2.

3—Abyssmo aqui, lá outro abyssmo—2.

CASAEAS

Um mensageiro que ata—1.

A Senhora tem culto?—2.

Contada, 1912.

M. G. Lima.

Parnaso mattogrossense

A VIDA E A MORTE

A MEMORIA DO MESTRE THOMAZ DE AQUINO RODRIGUES.

*A vida é lere sopra que se perde
Do infinito na eterna immensidade,
Dorido echo que repete sempre
Uma nota sentida de saudade!*

*A morte é longa noite que succede
Da vida ao triste e derradeiro dia,
Gelida sopra que descora as faces
Mesmo daquelle que a sorrir ria!*

*Ela, a quem nega a vida um só sorriso,
A quem despreza o mundo escarnecendo,
Assemelha-me á triste flôr de um dia,
Que, apenas desabrocha, cá morrendo!*

Uyubá, 7 de Abril de 1890.

JOSÉ DELFINO

INVIDIA

Al Ten.^{te} V. Pappalardo

Ardon i fidechi lumi, infra la gola
Lingua no, ma fischia atro angue e mai posa;
Sul giusto avida bocca apre schiumosa,
Colle livide zanne oner gli invola.

Stride e s'apri la prigion bruna e sola,
V'entra il giusto e ode suon che infamato osa;
Piange le trece d'or svelta la sposa,
I ferri umidi fa l'aurea figliuola.

E all'eupia mano crudo acciar balena;
Della moglie, dei bianchi parti il sangue
E del suicidio haporpora la scena.

Ma il fedel prega! e Iddio la fé che langue
Rintora, e dritto la giustizia mena;
Brilha l'innocenza, invidia cade esangue!

A INVEJA

Tradução

Ella! ante o vosgo olhar: na fauce arguta
Lingua não, mas negro aspide arfa e pula;
Contra a innocência raiva e a presa fula
Até na honra embola-lhe impolluta.

Range a masmorra e a vinga o justo e esenta
Do monstro a gloria e o povo que o macula;
A um canto a esposa as traças rompe e ulula,
De prantos rega a filha a algeum bruta.

E a mão que a fé não rege o gladio cerra,
Do pur gentil, da loura prole o sangue
Colora a scena e o suicidio a encerra!

Mas o crente ora! e Deus a fé que langue
Faz reborir, justiça inspira á terra,
Brilha a innocência, a inveja cá exangue!

Coxipó da Ponte. 1903.

Aquino Corrêa.

RESURREIÇÃO

*Nas purpuras celestes do Oriente
Transluz o rosicler da madrugada,
—Visão do além, sublime, bafejada
De harmonia infinita, casta e ardente...*

*Pela propria virtude onnipotente,
Christo, numa apothecose immaculada,
Resurge!... As alleluias da alcorada
São orações dessa epopeia ingente!*

*—Base granítica de nossa crença—,
Tem a Verdade proca a mais intensa
Na grande doçma da Resurreição.*

*Que rediveiro aos arreboés da Graça,
A' voz do Amor, que a terra ao Céu enlaça,
Erga-se a ti, ó Deus, meu coração!...*

Corumbá — Março 1910

ARMINDO D'OLIVEIRA.

**NOITE**

(Ao Plinio Castello)

*A noite vai alta e bella:
Do firmamento na tela
Cujó azul todo se estrellá,
Desliza, veigo, luar...
Como um passaro formoso,
As azas rustando, ancioso,
En busca do ninho airoso,
Além, além a voar...*

*Ao longe, uma serenata,
A' luz do luar de prata,
Harmoniosa sonata
Desfere cheia d'amor...
Enquanto, fagueira, a briza
Que manso e manso desliza,
As aguas do lago friza,
Furta um beijo a cada flôr...*

*Parece virgem que sonha
Ou chora, muda e tristonha,
Venus mimosa e risonha.
No firmamento a luzir.
Como o seu pranto se sente
O orvalho frio e nitente
Do céu baizar docemente
De flôr em flôr a cair...*

*Que panorama bonito
Este do espaço infinito
E da terra, que ora fô
Qual phantastica visão!
Rebrilham no alto mil lumes;
Em baixo, mil vagalumes
Em multicores cardumes
Gyrando, bailando vão...*

*Da lua os raios d'arminho,
Que nas copas de mansinho
Côm, vão de ninho em ninho
Os passaros acordar...
Ou vão osculando as rosas,
As violetas medrosas,
E mil flores olorosas
Perfumes a trescular...*

*Que murmúrios suaves!...
Que sons musicas e graves!..
Serão de fadas ou ares
Os cantos no tequaral?
São os queixumes do rio
Esse doce murmúrio.
Que passa lento e sombrio
Por entre as rochas do val...*

*Que encantos e formosura.
Nest' hora serena e pura,
Não inspira esta natura.
Tão amena e edma assim!...
Quanta poesia ha nos ares,
No murmúrio dos palmares,
E nos calidos olhares
Dessas estrellas sem fim!...*

*E a noite vac alta e bella...
Do firmamento na tela,
Que de mil luzes se estrélla,
Desliza, meigo, o luar...
Oh! como é bom neste instante,
A' luz da lua radiante,
Da serenata cantante
A voz ouvindo, so thar!...*

Diamantino—Outubro—1911.

LAMARTINE F. MENDES.

NOTA

Paranço matto-grossense. Achou sempre de contr' luto, segundo suas posses, para o engrandecimento deste torcedor abençoado, lá-ha hoje a nossa Revista esta seção destinada a registrar produções poéticas de authors patrióticos, os quaes primam pela nobreza da inspiração e dos sentimentos, uacine si bafejadas pelos ideais sacrosantos de Deus e Patria.

Regemos, pois, aos nossos amáveis leitores, zelosos das patrias lettras, queiram encetar-nos os trabalhos que porventura consecrarem de nossos finados poetas, e estimular os jovens estreituados a se inspirarem naquelles sublimes themas, eternos mananciaes de poesia e cantos para toda alma bem tolhada.

A REDACÇÃO.

Contraveneno religioso

CARTA PRIMEIRA

A INCREDULIDADE

É ella sincera?—Tem fundamento?—Sua origem.—Triplice causa.—
Theodoro Jouffroy.

SALDOSO CARLOS.

Continuação:

Aqui, porém como que adivinho a tua dificuldade. Si a convicção de teus collegas, verdadeira ou falsa, não se baseia em fundamento algum firme, como pode ser formada? de que modo se originou?

Tres podem ser as causas. A primeira é a negligencia nas praticas religiosas.

Como se apaga a luz dum lampião? fazendo-lhe faltar o combustivel.

A luz irá extinguindo-se pouco a pouco, a medida que diminhe a quantidade de kerosene. Como se estiola a plantasinha? Deixando de regala.

Como se esquece uma sciencia ou arte? Deixando de a estudar ou exercer. Perde-se-lhe paulatinamente o amor, depois a esfôrma e afinal o mesmo conhecimento.

É este o nosso caso. Não se praticando a religião, pouco a pouco se perde o amor, a esfôrma e o necessario conhecimento della.

Aquelle moço descuida hoje a abstinencia; amanhã, a missa; um outro dia, a confissão; começa depois a deixar as orações da manhã e da noite; não frequenta mais a igreja, não ouve mais a palavra de Deus...

Observa e verás que, omittidas estas praticas, já não as amamos mais; não as amando, consideramos-as como inúteis, supersticiosas; e fi-

nalmente, só com grande milagre poderemos nutrir alguma idéa vaga da Divindade, quasi um ser supremo, com o qual nada temos que ver.

Porque, meu Carlos, a luz da fé se apaga, si não a vivifica o azeite da caridade.

Para outros, pelo contrario, é o orgulho. É verdade que a incredulidade, por mais que seja vil em si mesma, contudo, no juizo de não poucas cabeças frivolas, é considerada brazão de gloria e importancia.

Essa mallograda independencia de espirito, essa rebelião contra toda auctoridade, mesmo divina, esse não crer senão em si mesmo e nas proprias luzes, têm um quê de lisongeiro que instiga o orgulho humano. Pensam logo que não serão estimados, si não desprezarem as êrenças communs, embora justas, e não ostentarem extravagancia nas opiniões e nas acções. O jovem pensa até que, fazendo o papel de incrêdo, já não é mais criança e tornou-se um homem de importancia.

Sabes bem que Herostrato, avido de ter um nome na historia e ser universalmente conhecido, incendiou o famoso templo de Diana.

Pois bem, para muitos a incredulidade é o archote de Herostrato lançado no sanctuario da consciencia.

A terceira causa é a corrupção do coração.

Acreditas, acaso, que quando alguém se afasta da fé, falo para tor-

nar-se melhor? Gobbet ministro protestante, deixou escripto que a passagem da fé catholica para o protestantismo e para a incredulidade, é causada em geral, pelos máos costumes, como aconteceu a varios mancebos, cujos nomes poderia declinar-te, os quaes agora vês gloriarem-se de não ter mais fé. Quando viviam castos e innocentes, não somente não tinham duvidas acerca da religião, mas tudo lhes em claro ás mentes placidas e serenas, e socegados, descansavam, seguros, na propria fé. Como é que já não são como outr'ora? Como é que essa religião que antes apreciavam, tanto se lhes tornou indifferente, odiosa mesmo? Trocou-se ella talvez? Oh! não! ella, meu caro é sempre a mesma! Trocou-se então a mente?

Terão descoberto falsidade e torpesa, onde primeiro só acharam verdade e candor? Oh! também não! não foi a mente que se trocou; foi o coração... de morigerado que era, pouco a pouco se corrompeu, e os vapores dessa corrupção invadiram tudo... *et obscuratum est inspiens cor ejus.*

Escreveu-se, e com razão, que certos pensamentos só chegarão á séde da intelligencia depois que o coração estiver doente.

A paixão sóbe á cabeça como o vinho; e esta embriaguez moral faz dizer asneiras maiores do que a physica. Aos olhos destes tontos, o que era limpo se torna turvo; si, porém pudessem raciocinar, em lugar de dizerem: «não existe Deus», baten-do-se no peito deveriam dizer: «Tornei-me perverso e tenho muito medo que Deus exista».

Em summa, não lhes agrada o crer. A fé os obriga a deixar certos vícios, o que lhes seria por demais difficil. Zombar da religião,

porque zombar é mais facil do que praticar. Não querem acreditar como christãos, para terem a liberdade de viver como pagãos.

A incredulidade, pois, deveria ser curada como curam os medicos certas dores de cabeça: *com boas purgas.*

Eis ahi, meu Carlos, a historia de muitos que se dizem incredulos: a historia de alguns dos teus collegas da Universidade.

*Já não crês mais? Entanto outr'ora eras;
E da alma Fé, bem que celado, o rosto
Amaras; e o teu corpo tu querias
Que á sombra de uma cruz fosse deposto.*

*Candida flor naquelles bellos dias,
Eras tu que hoje és, negras e desgosto;
E pelo céo, teu ninho, te angustias,
Qual passaro sem azas ao sol posto.*

*Pobre filho! mas dize-me sincero,
Quando seismas na cida que te sumo,
Como a nocturna lampada se n'brilha,*

*Não te punge o rem esol o grido austero?
Não sentes da alma, que da fé tem fome?
Volve ao altar, colhe-te á Cruz, ó filho!*

(*Continúa.*)

A PAZ DA IGREJA

Celebrando-se neste anno em todo o orbe catholico o 16.º centenario da paz e liberdade de culto concedida á Igreja catholica pelo Imperador Constantino, damos, em commemoração á data soberanamente memoranda nos fastos da fé e da civilização christã, as seguintes paginas do mais eminente archeologo de Roma, o Sr. Horacio Maracchi.

No principio do seculo IV, nas relações entre a Igreja e o imperio romano, deu-se uma mudança repentina, profunda, que devia produziras mais felizes consequências para o mundo inteiro.

Dois dos imperadores reinantes,

Maxencio e Constantino, declararam-se guerreiros.

As circunstâncias da expedição são universalmente conhecidas: em Outubro de 312, morria Maxencio, cujo exército fôra desbaratado; Constantino, victorioso e christão, entrava triumphalmente em Roma.

Um acontecimento extracordinario tinha operado a conversão do imperador.

A Eusebio, que uol-o narra, foi elle revelado pelo mesmo imperador.

Vira este, um dia, no céu, uma cruz luminosa com as palavras: *Tóto nika*; e vira também a Christo Redemptor que lhe apresentava o modelo do estandarte que devia dar aos seus soldados. Este estandarte, o *Labarum*, tinha a fôrma de cruz e levava o monogramma de Christo.

Ha varias reproducções, que correspondem, no geral, á esta descripção; mas divergem entre si, ligeiramente, nos pormenores.

Vê-se delle, por exemplo, uma representação nas moedas de Constantino, sobre dois sarcophagos do museu Lateranense e alguma vez também sobre os monumentos das catacumbas.

Assim, foi encontrada em S. Ignez uma corôa de pedra com o monogramma e a inscripção: *In hoc signo Sírvi* (vivas).

Pode-se vêr, também, uma allusão á celebre visão, nos mosaicos que adornam a basilica de S. Constancia, na rua Nomentana, mausoléo da família de Constantino. Estes mosaicos representam o céu estrellado, onde brilha o monogramma de Christo.

A batalha que fez cahir Roma em poder de Constantino, foi travada nas mesmas portas da cidade, no lugar denominado *ad Sava rubra*, onde era a villa Livia (28 de Outubro de

312). Varios monumentos relembram este fausto acontecimento.

Na via triumphal construiu-se um arco com os materiaes dum de Trajano. Nas esculpturas, feitas no tempo de Constantino, claramente distinctas das antigas, é representada a celebre batalha da ponte Milvia. Um dos baixos relevos representa o imperador que fala ao povo no Fóro. No fundo, se reconhecem os monumentos do Fóro e do capitolio. Em cada uma das duas partes está gravada uma grande inscripção; e nas palavras *instincta divinitatis* allude-se ao christianismo de Constantino.

Em 315, data da dedicação deste arco, Constantino se revelára certamente christão. Todavia, para não ferir as opiniões do senado, escolheu uma expressão geral e vaga, sufficiente, porém, para declarar-o christão. Com effeito os christãos chamavam-se *cultores Dei*, adoradores d'um só Deus.

Pouco distante do Fóro, foi erguida uma grande estatua de Constantino com o labaro, ao qual alludia também a inscripção.

Eusebio, na sua *Vida de Constantino* descreve o monumento e a inscripção. A estatua é talvez a que está no vestibulo de S. João de Latrão.

Uma outra devia exornar a abside da basilica constantiniana; pertenceria á esta, segundo Petersen, a cabeça colossal que se acha no capitolio, no pateo do palacio dos Conservadores.

O triumpho de Constantino, á differença dos antigos triumphos, não parece que tenha sido celebrado com cerimoniaes supersticiosas e idolatrias.

Dirigiu-se elle, em seguida, a Milão, com seu collega Licinio; eahi publicou o edicto que reconhecia li-

nalmente a existência legal da Igreja (Maio de 313). O edicto manda restituir à Igreja os seus logares de reunião e cemiterios *non ea loca tantum, ad quae convenire consueverunt (christiani), sed alia etiam... ad ius corporis eorum, id est Ecclesiarum, non hominum singulorum pertinentia*.

Constantino acrescentou grandiosas doações, entre as quaes a do palacio Laterano feita ao Papa Milciades.

Este palacio tornou-se a sé de dos papas, até a transladação da Santa Sé para Avignon.

No mez de Outubro de 313, o papa Milciades reuniu um concilio *in domo Faustae in Laterano*.

Além da basilica do Salvador em Latrão, Constantino fez construir a de S. Pedro, S. Paulo, S. Lourenço, S. Ignez e dos Ss. Pedro e Marcellino.

Depois da morte de Licínio (324), mostrou-se mais abertamente christão. Era apenas catechumeno e por consequência não podia ser admittido senão á uma parte da liturgia; e nessa condição assistiu, em 325, ao concilio de Nicéa. Foi baptizado, segundo Eusebio, em 337, em uma cidade proxima de Nicomedia, pouco tempo antes de sua morte. Uma lenda que remonta ao seculo V, conta que Constantino foi baptizado em Roma, na basilica lateranense, pelo papa Sylvestre, o qual, segundo a mesma lenda, ter-se-ia refugiado no Soraeto.

A lenda recorda ainda uma enfermidade e cura milagrosa de Constantino.

Sem duvida, tudo isto se refere ao facto de ter elle erecto um baptisterio em Latrão, onde havia recebido o catechumenato. Foi dado a este baptisterio o nome de *Baptisterium Constantini e Baptismus Constantini*

e daqui a origem da mencionada lenda.

O baptismo de Constantino é um facto tão importante, que não se póde imaginar haja Eusebio inventado os seus particulares, uma vez que todos os bispos presentes ao Concilio de Nicéa podiam constatar, com os proprios olhos, si o imperador fôra ainda catechumeno ou fivesse já recebido o baptismo.

Mereceu Constantino o reconhecimento publico pelo bem que fez como legislador christão. Supprimiu o supplicio da cruz e mitigou a escravidão, prohibindo o barbaro costume de marcar escravos com ferro em brasa.

Data de então o costume de trazerem estes, ao pescoço, collares com inscripções e, mesmo, ás vezes, symbolos christãos.

Tambem na vida christã introduziram-se grandes modificações.

Depois da construcção das basilicas, a liturgia se transformou e amplifica. Monumento notavel tendo-o nas *Constitutiones apostolicæ*, que são, certamente, desta epocha.

Os cemiterios ao ar livre, raros até então, se multiplicam.

Ao symbolismo primitivo a arte começa a substituir decorações historicas: imagens do Salvador, da Virgem, dos Apostolos.

A esculptura christã apparece e multiplicam-se os sarcophagos, dos quaes o muscu Lateranense possui preciosa collecção.

As inscripções desenvolvem-se, fornecendo maiores indicações historicas, com damno, porém, da primitiva simplicidade. Acham-se, muitas vezes, inscripções metricas e as que mostram o monogramma isolado e levam geralmente a data consular.



Roteiro da navegação

DU

Rio Paraguai

entre a foz do S. Lourenço e o
paralelo de 17° 35' e das adjacen-
tes Lagoas Gaíba e Uberava

PELO CAPITÃO DE FRAGATA DA

ARMADA NACIONAL E IMPERIAL

AUGUSTO LEVERGER

(Barão de Melgaço)

Publicação feita sob a direcção de

ESTEVIÃO de MENDONÇA

V PARTE

(Continuação)

He notável a alteração que se manifesta logo a cima da referida boca da Gaíba. Estreita-se consideravelmente o alveo do rio e he o seu curso muito mais rapido^(*); navegando agoas acima vi que a largura não passa de 20 a 25 braças; a velocidade da corrente he de hum a quarta a hum e meia milha por hora, o fundo em toda a parte excede de 15 palmos. A margem oriental ou esquerda, e bem assim o terreno que, pelo opposto lado medea entre o rio e a Serra da Insua são baixos e ali-

gadiços, e vêem-se nelles muy poucas arvores altas. Nada observei que mereça menção até o paralelo de 17° 36'. Neste lugar o Paraguay reparte-se em dois braços correndo o principal ou madre (por onde subi) a rumo geral de Sul, e o outro indo a N N O desagoar na Uberava. Descendo por este, achei-o limpo, largo, de 12 a 8 braças, fundo 12 a 8 palmos, e de corrente tão veloz como a madre. ^(*) São as suas margens muito baixas, alagadiças e em geral despidas d'arvoredo. Tendo andado pelo dito braço por espaço de 2 ou 3 millas, notei na margem direita duas pequenas collinas cobertas de mato e que distão como meia milha da beira do rio; nesta altura separa-se hum bracinho que serpenteando pela mesma margem reune-se ao braço principal antes de chegar a Lagoa. Continuando a descer veem-se ainda por hum e outro lado pequenos reductos com mato. Duas millas adiante diminuo o fundo, derramando-se as agoas do rio nos campos rasos que se estendem pelo lado do Norte, e pelo do Oeste e Noroeste na grande Lagoa Uberava em cuja entrada não achei mais que dous e um e meio palmo de fundo.

Motivos que não cabe aqui referir^(**) me não permittirão circundar e explorar completamente a mesma Lagoa (cujo circuito representei na Carta por hum a linha pontuada, segundo as informações que colhi do acima mencionado diário dos Commissarios de Limites); porem entrei nella afim de hir reconhecer o canal

^(*) Procedendo com a possível exactidão fiz no dito lugar as seguintes medições:

Largura do rio 23 braças
Velocidade da corrente 1,45 por hora
Atravessando o rio, e sondando-o em distancias proximaamente iguaes achei fundo de 5, 9, 12, 19, 20, 20, 5, 12, 9 e 4 palmos.

Com esses elementos calculei que o volume d'agua que ali passava em hum hora era de 2076629 palmos cubicos.

Attendendo porem a que já títinha principiado a crescer as agoas do rio e a sua velocidade, creio poderavaliar o mesmo volume em tempo de extrama secas em 20.000.000 pés cubicos.

Refere Dom Felix Azara haver feito semelhante observação na cidade d'Assumpção estando extraordinariamente baixas as agoas do rio, e ter achado por resultado 983363 trezas cubicas, que correspondem com pouca differença a 71360000 palmos cubicos.

^(*) O Diário dos Commissarios de Limites não menciona este braço mas sim falla de um furo que vem do N. e entra no rio Paraguay. Não me admittiria de que fosse o mesmo braço; por quanto não acho impossivel que a Uberava estando muito cheia derramando-se por este canal, repese e mesmo repilla as agoas do Paraguay.

^(**) Esponho-os n'um officio que nesta data dirijo S. Exa. o General Manoel da Mota.

de communicação com a Gaiba. Deixando á direita uma serie de pequenos morros ou collinas, na direcção de Norte a Noroeste, e costeando a esquerda, em distancia de hum milha a um quarto de milha, o terreno baixo que borda, por este lado, a Serra da Fusua, navegando por fundo de dous a cinco palmos, com andar de quasi cinco milhas, ao rumo de Oeste hum pouco para Sul, cheguei a huma aberta muito larga na dita margem esquerda; seguindo por ella a rumo de S. a S. E. e passando hum baixio, onde não achei mais que dous palmos d'agua, vi que hão progressivamente diminuindo a largura, augmentando a profundura, e elevando-se hum pouco as margens até que em distancia de 1 1/2 milha fica apnella reduzida a 60 braças mais ou menos e achão-se 10 palmos de fundo. D'ahi para baixo segue o canal com bastantes sinuosidades a rumo de Sul a Sueste, formando algumas illhas; a largura varia de 25 a 60 braças, o fundo he de 8 palmos para mais; não achei corrente sensivel. (*)

A margem direita he baixa, porrem para Poente avista-se terreno firme e cô e hã algumas eminencias; pelo lado esquerdo o terreno he tão-bem baixo menos em tres lugares em que o canal abeira a serra da Inã sua, sendo o ultimo a ponta de Sul da mesma serra, a diante da qual em distancia de meia legoa entra na lagôa Gaiba, havendo na boca hum baixio que, como a fma disse, não tem mais de hum e meio a dous palmos d'agua e estende-se até muy perto da Serra da Letreiro.

Do que fica dito vê-se que este canal serve de escoaute as aguas da Ubatuba engrossadas pelas que do Para-

guay affluem pela beira que a fma descrevi. Assim o reconhecerão os mencionados Commissarios de Limites que por elle navegara.

Atravessando o mencionado,*) baixio e procurando a boca da Gaiba, voltei ao Rio Paraguay, concluindo assim o reconhecimento a que me propuzera.

(Continúa).

— — — — —
Foi também o mesmo canal navegado em 1815 pela Commissão scientifica Franceza presidida pelo Conde de Castelnau, que o considerou como hum rio, até então desconhecido, a que deu o nome de Rio Pedro Segundo.

Romã

Não é fructa a que se ligue grande importancia, naturalmente por haver pouco que aproveitar do seu interior, restricto á insignificante quantidade de hum liquido abecado, muito acido, que envolve os cerebelloes.

Serve principalmente para entre e dimento dos meninos que por via de regra não regoitam fructa alguma.

Este men-esperzo de nado algum, condiz com a velleidade celebridade da romã nos tempos antigos.

Nos sarcophagos egypcios de mais de tres mil annos, em usual depositar romãs, distincção que o povo só poderia ás cousas realmente preciasas.

Entre os Judeos as vestes pontificaes do grande sacerdote traziam bordada uma romã. Refere-se mais que huma igreja da Ilha de Eubœa a estatua que alli havia, naminha numas das mãos hum romã e na outra o sceptro.

Se não fosse a muita reputação, não haveria pela romã esta profunda veneração.

Teve, pois, essa fructa a sua época de grandeza, o seu fastigio, de que pouco resta.

Nem os felicitantes lembam-se mais de que a romã refresca a bocca e mitiga a sede.

Apesar do seu pedestal de fama, a pobre fructa jaz como jaziam todas as grandezas desenhadas: — no abandono e esquecimento.

Da romã — o nome, nem tudo se perdeu, e o seu valor therapeutico é hoje universal.

Em 1832 a Academia de Sciencias, de Paris, conferiu a Morat e de Lens o premio Montyon, por haver m sido os primeiros a aconsellar em Franca a casa da raiz da romã como tônico, suplantando com isso os remedios secretos dos Parianos, Potigares e outros, apregoados para o mesmo fim.

Na opinião daquelles autores, o seu remedio faz sempre expellir a solitaria tuberculose *ou manque* *degrade de force par la toux*, desde que o preparado seja bem feito.

A primeira indicção em não sera romã de lugar frio, attendendo a que o effluvio frio tirado a virtude.

Depois, dependia da fórmula pharmaceutica, sendo a melhor, o cosimento bem concentrado de 19 partes de romã para 1 de acido carbonico, e

(*) Estando as aguas mais e crescidas, correm com veloçidade para a fma.

quese tinha em tres vezes, um intervallo de meia hora.

Perdura reputação da efficacia da casca da raiz da romêira para expellir a solidaria.

Tem-se tambem utilisado com a mesma indicação a casca do tronco e dos ramos; a parte, porém, reconhecida mais activa continúa a ser a casca da raiz.

Da romêira tem-se isolado quatro alcaloides, dos quizes, dois, a peltierina e a insapeltierina; principalmente sob a forma de tannato, são fataes á tenia.

Basta saber se qualquer dos alcaloides tem a mesma acção tenifuga do casimento da casca da raiz da romêira, conforme preconizavam Merat e de Leus.

As flores entram na composição de um preparado egypcio para tingir barba e cabellos.

DR. EDUARDO DE MAGALHÃES.

Imigração

— Ao sr. ministro da Agricultura prestei o Director do Povoamento do Solo as seguintes informações.

— Durante o mez de Janeiro entraram pelo porto do Rio de Janeiro 4,727 imigrantes, conduzidos por 61 vapores de diversas procedencias e nacionalidades.

O paquete nacional «Sirio» levou para Porto Alegre 196 imigrantes russos, alemães e austríacos, constituindo 18 familias de agricultores, destinados á colonia Erechim, no Estado do Rio Grande do Sul.

Para o estado de São Paulo seguiram igualmente 4 familias de imigrantes allemães com um total de 17 pessoas.

E' de 157 a existencia na Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores.

Durante o referido mez de Janeiro recolhi a Directoria do Povoamento do Solo requerimentos de colonos estabelecidos nos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Minas Geraes, chamando 245 pessoas para virem estabelecer-se nos núcleos desses Estados.

Foram promptamente attendidos já tendo sido feitas as respectivas chamadas.

O sr. presidente da Republica já sancionou o decreto fundando no proprio nacional de Santa Monica, estação de Desseigano, Estado do Rio de Janeiro, uma fazenda modelo de criação.

No relatório que apresentou o sr. ministro da Agricultura ao sr. presidente da Republica, justificou infuenciosamente os motivos que determinaram a necessidade da installação em diversos pontos do paiz, de fazendas-modelo do typo dessa que acaba de ser criada em Santa Monica e que, ex. reputa indispensaveis para orientar e assegurar o progresso da pecuaria nacional.

E' essa fazenda que se propõe criar bovinos de grande peso e precoçidade, do typo exigido para a exportação e para a industria das carnes restrindas.

No intuito de conseguir esse desideratum, por

meio do cruzamento de individuos seleccionados das raças indigenas com reproductores puros das raças anglicas aperfeicoadas e especializadas para reproducção da carne, s. ex. Béz vir para o plantel de Santa Monica, grande numero de reproductores bovinos e lanigeros das raças Hereford, Polled Angus, South Down e Romney Marsh, os quaes, apesar de criados a campo, vão-se afeiçoando ao meio ambiente.

O sr. ministro mandou transformar em prados artificiaes os campos da fazenda de Santa Monica, tendo feito installar alli um banheiro para expurgo do carrapato e demais parasitas externos nocivos aos animaes, abrigos e estabulos, para repouso do gado nas horas do grande solheira e por occasião das intemperies.

(Da Rev. Com. e fin.)

COMBULO DE VELOCIDADE

Um francez, querendo sustentar diante d'um hespanhol que os combulos n' o seu paiz andavam com muito mais rapidez do que os de Hespanha, affirmava desabaradamente:

— Os combulos expressos em França chegam a andar mais de quinhentos kilometros por hora!

— Não me admira isso — replica tranquillamente o hespanhol. — Quer o senhor saber o que me aconteceu uma vez? Querendo eu sair de Madrid no expresso do norte, entrei na estação quando o comboio estava já prestes a partir.

Subi para a carruagem apressadamente e, quando me debruçava na portinhola para a fechar, dirige-se a mim o chefe da estação censurando a minha imprudencia e invocando-me com palavras insolentes e injuriosas. Perdi a cabeça e, zés, despedi-lhe uma bofetada; mas immediatamente me arrependi do meu impulso de furor, porque enquanto a minha mão se levantava e traçava no ar a trajetoria d'aquella tremenda bofetada, o comboio poz-se em marcha, e quem apalhou o tabuleo foi o pobre chefe da estação immediatamente...

NO MERCADO

Uma senhora que na vesperaahi comprava um sabão apresenta-se ao vendilhão dizendo-lhe que lho trocasse, pois o sabão não cantava.

O vendilhão trocô-lho por outro que estava cantando, mas que tinha uma perna quebrada.

A senhora repara no defeito e observa logo:

— Esse tambem não me serve, porque lhe falta uma perna.

O vendilhão cruzando os braços:

— Então a senhora quer o sabão para cantar ou para dançar?

— Crês tu que seja mais sentarem-se treze pessoas á mesa?

— Muito mais... quando só haja comida para dez.

Observações feitas as Oh. M. de Greenwich

NA ESTAÇÃO CENTRAL DE RIO DE JANEIRO E

transmittidas diariamente ao observatorio "D. BOSCO"

LAT. = 22° 54' 32" S. LONG. = 43° 10' 34" W GRW. ALTITUDE = 64m, 150

Hora local 9 h. 07m a.

Setemprio 1911	Barometro A 6°	Thermometro						Vento		Estado atmospherico	Meteoros	Nuvens quantidade	
		Seco	T-T	Humidade relativa	Tensão do vapor	Maxima	Minima	Oscillação da temper.	Diracção				Força (esco- la beaufort)
1	55.4	21.0	1.5	87	15.99	24.6	18.0	—	SSE	12	enc	nt	10
2	58.2	21.6	3.5	69	19.25	22.3	19.5	—	WNW	2	nub	"	7
3	62.3	18.9	2.6	75	12.22	34.3	18.9	—	"	3	b	ch	4
4	61.9	18.8	2.0	85	12.04	22.3	16.8	—	NW	2	"	—	5
5	57.7	19.5	3.3	68	11.61	24.9	17.1	—	NNE	3	"	—	4
6	57.5	19.0	1.8	89	19.48	22.6	17.0	—	NW	2	i	nt	10
7	59.5	19.0	1.0	90	14.75	20.6	19.0	—	N	3	b	"	8
8	60.2	19.6	1.0	96	15.35	23.9	17.7	—	"	2	enc	"	10
9	56.6	21.5	2.2	80	15.40	23.0	19.4	—	—	—	inc	"	10
10	56.8	20.9	2.9	75	13.64	23.3	12.7	—	NE	1	b	nt	10
11	57.6	20.8	1.9	83	15.16	22.6	19.3	—	NNW	2	enc	ch	9
12	54.4	21.1	1.5	85	15.97	23.2	19.4	—	NW	3	"	nt	10
13	58.6	20.9	1.3	87	16.09	24.4	19.9	—	SSW	3	inc	chs	10
14	60.0	17.9	0.9	92	13.93	32.8	18.4	—	SSE	2	enc	"	10
15	58.5	15.4	1.0	89	11.62	18.9	16.3	—	—	0	"	"	10
16	53.4	17.1	0.8	92	13.32	18.8	15.7	—	N	1	"	"	10
17	59.0	20.1	2.7	76	13.19	26.6	16.5	—	—	0	"	—	10
18	54.6	19.5	2.4	77	13.04	21.7	18.4	—	NW	3	b	nt	8
19	58.9	18.2	1.1	88	13.78	21.5	17.5	—	—	0	m	ch	10
20	58.8	18.5	1.8	81	12.16	20.9	16.6	—	W	2	cl	"	1
21	58.6	19.5	2.0	81	13.65	21.9	16.4	—	NE	2	enc	nt	10
22	59.2	26.4	7.6	44	11.51	23.4	17.5	—	—	1	"	—	10
23	57.0	22.1	1.8	84	16.62	30.3	18.3	—	NNE	2	"	nt	10
24	58.3	21.1	1.0	91	16.89	25.9	21.2	—	ESE	1	inc	"	10
25	58.1	20.9	0.7	94	17.24	22.5	21.0	—	—	0	"	"	10
26	57.8	20.7	1.3	87	15.99	22.1	19.0	—	SE	2	nub	ory	8
27	59.6	26.4	8.7	38	9.80	25.6	18.3	—	NNW	3	inc	nt	9
28	59.2	22.1	8.0	36	7.12	22.1	18.6	—	NNE	2	b	—	3
29	57.8	22.3	1.7	84	16.95	23.2	19.3	—	—	0	enc	—	10
30	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
31	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Med.	57.8	20.3	2.4	78.5	19.85	23.4	17.5	—	N-NW	1.9	—	—	8.6

Observações particulares

1ª De. Nevoeiros nos dias 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10 — Orvalho dia 7 e 8 Chuva dia 3 — dia 1 Cielo de manhã

2ª " " " 12, 19, 18, 20 — Chuvas, dias 13, 14, 15, 16, 19—

3ª " " " 21, 23, 27, -- Chuvas dias 24, 25 — Orvalho d. 26 — Rel. dia 30

OBSERVATORIO METEOROLOGICO "D. BOSCO"

Dependente do Lyceu Salesiano de Artes e Officinas

**Em Curitiba, Estado de Matto-Grosso. Director Padre M. G.
de Oliveira e Secretario Sylvio Milanese**

Observações feitas durante a meia de Setembro de 1911.

ALTITUDE DA LOCALIDADE: 335m, 02 LATITUDE 15° 25' 40" LONGITUDE: 12° 50' 7"
(Occ. do Rio)

N. de observações por dia às 7 a. m., às 2 e 9 p. m., hora local

TABELLA 1

Setembro 1911	Pressão barométrica <i>reduzida á 0° cent.</i>					Temperatura <i>centigrada, á sombra</i>				TEMP. SOL OSCILLACÃO	Humidade <i>relativa</i>			
	7 a.m.	2 p.m.	9 p.m.	Media	Oscil.	Media	Max.	Min.	Oscil. da Temp.		7 a.m.	2 p.m.	9 p.m.	Media
1	49.04	46.74	46.75	44.14	2.30	27.3	32.6	22.1	10.5	7.0	81	73	77	77.0
2	46.99	43.79	45.15	45.14	2.70	26.6	31.5	21.7	9.8	14.6	84	53	72	69.6
3	46.53	44.52	44.40	45.14	2.13	27.3	32.8	24.8	8.0	12.4	80	46	60	62.0
4	45.66	43.21	43.62	44.16	2.45	29.6	32.5	26.8	5.7	11.8	72	49	61	60.6
5	44.26	42.54	42.40	43.06	1.86	30.0	32.5	27.5	5.0	2.0	69	56	63	60.6
6	45.72	44.47	45.67	45.08	1.35	26.4	29.8	23.1	6.7	6.4	74	75	70	73.0
7	47.45	45.24	47.04	46.57	2.21	27.7	31.0	24.5	6.5	12.6	83	61	68	70.6
8	47.68	45.57	46.18	46.14	2.11	28.7	32.0	25.5	6.5	11.9	80	54	75	69.6
9	46.61	43.83	45.14	45.22	2.88	29.0	32.6	25.4	7.2	11.4	72	49	65	65.3
10	45.50	42.55	43.74	43.93	2.95	29.7	33.0	26.5	6.5	12.0	75	49	70	64.6
D. 1.	46.50	44.24	44.94	44.55	2.26	28.2	32.0	24.7	7.2	10.2	76.4	56.2	68.1	67.3
11	44.43	42.62	42.57	43.20	1.86	29.7	33.0	26.5	6.5	10.0	76	50	65	63.6
12	44.66	43.16	43.85	43.89	1.50	30.5	34.4	26.6	5.8	10.0	71	66	54	63.6
13	48.68	46.49	47.67	47.61	1.19	27.5	31.0	21.1	6.9	6.9	83	72	80	78.3
14	49.11	46.93	46.67	47.57	2.44	23.2	26.2	20.2	6.0	4.9	78	76	73	75.6
15	46.91	43.37	45.28	45.18	3.34	27.2	29.0	25.4	3.6	12.8	83	70	71	74.6
16	47.45	44.11	44.52	45.39	3.34	23.0	26.4	19.9	6.2	10.5	72	87	75	78.0
17	45.72	44.59	48.07	46.12	3.48	25.8	29.1	22.6	6.5	14.0	81	68	80	76.3
18	48.66	47.51	47.33	44.50	1.33	23.0	25.8	20.3	5.5	9.0	85	62	64	70.3
19	46.50	44.23	44.25	44.99	2.27	24.3	29.2	19.1	9.8	13.4	76	56	74	68.6
20	45.07	42.7	43.10	43.69	2.33	25.2	31.5	19.0	8.5	12.5	71	55	62	62.6
D. 2.	46.71	44.57	45.33	45.24	2.14	25.9	29.5	22.4	6.5	10.4	77.6	66.2	69.8	71.2
21	44.95	43.22	44.02	44.06	1.73	27.1	31.3	23.0	8.3	10.6	79	55	65	66.3
22	45.38	43.75	44.20	44.44	1.63	28.7	33.0	24.4	8.6	10.3	74	50	62	62.0
23	47.76	48.72	48.86	48.38	1.10	24.3	29.4	19.2	10.2	4.7	83	80	81	81.3
24	49.73	47.88	48.24	45.28	1.95	19.8	21.6	18.0	21.6	5.4	88	80	92	86.6
25	48.80	45.98	45.78	46.85	3.02	23.3	27.1	19.6	7.5	11.0	87	74	83	81.3
26	46.43	44.83	44.68	45.31	1.75	23.3	31.5	22.6	9.5	11.0	88	61	76	75.0
27	46.95	44.38	45.02	45.45	2.57	28.3	32.7	27.0	8.7	11.8	82	56	65	67.6
28	46.83	43.86	44.40	45.03	2.97	28.1	31.0	25.6	4.7	8.0	76	61	61	66.0
29	45.80	42.50	42.78	43.69	0.30	29.8	34.0	25.3	8.4	8.5	75	42	61	59.3
30	44.12	42.01	44.09	43.40	0.03	30.0	33.0	27.0	6.0	6.0	67	50	70	62.3
D. 3.	46.67	44.69	45.20	45.18	2.00	30.4	30.4	23.0	9.3	8.7	79.9	60.9	71.6	70.7
Mez	47.43	44.50	45.15	44.97	2.67	26.7	30.6	23.3	7.6	9.7	77.9	61.1	69.8	69.7

Observatório meteorológico "D. Bosco" — Cuiabá

TABELLA II

Setembro 1911	Vento <i>Direção — Força</i>			Nebulosidade <i>Forma — Fração</i>				Chuva <i>Quantidade</i>	EVAPORAÇÃO <i>em 24 horas</i>	
	7 a. m.	2 p. m.	9 p. m.	7 a. m.	2 p. m.	9 p. m.	Média		Abriço	Exp.
1	S 1	S 2	S 2	N 10	K 7	— 0	5.6	15.6	0.4	2.4
2	N 1	NW 2	S 1	— 0	" 3	Sn 1	1.0		2.4	5.9
3	NW 1	— 0	— 0	S 8	" 6	C 2	5.4		2.2	7.8
4	N 1	S 1	N 1	KN 10	" 6	— 0	5.3		2.4	6.4
5	NW 4	W 2	— 0	" 9	Kn 10	S 1	6.6		2.9	6.5
6	N 7	W 1	N 2	" 10	" 10	Kc 9	9.9		1.3	4.2
7	NE 1	E 1	— 0	CN 10	K 6	Kn 10	8.6		1.7	6.6
8	— 0	NW 1	N 2	S 3	Kn 8	SK 9	6.0		2.2	6.3
9	NE 1	WNW 1	" 1	— 0	" 9	C 10	8.2		2.4	7.3
10	N 1	N 1	— 0	Sc 2	SK 6	S 5	4.3		2.6	8.7
D1 ^a	NE NW 1.8	W NW 1.2	N 0.9	KN 6.8	KN 7.1	Vr. 4.7	6.0	15.6	20.5	62.1
11	N 2	N 2	W 1	S 1	KN 10	— 0	3.6	16.0	2.3	7.8
12	" 2	NW 3	— 0	S 8	" 7	Kn 4	6.3		3.4	10.4
13	N 3	N 1	S 4	N 10	" 10	" 10	10.0		1.1	2.0
14	S 1	W 1	SE 1	" 10	" 10	— 0	6.6		0.6	1.4
15	" 1	" 2	S 3	" 10	Cs 1	Kn 10	7.0		1.4	5.5
16	" 3	S 1	— 0	Kn 10	S 7	— 0	5.6		0.9	3.2
17	— 0	W 1	SW 2	S 9	Sc 9	N 10	9.3		0.7	3.4
18	S 1	S 1	S 1	CK 10	Sc 6	— 0	5.3		1.2	4.4
19	" 1	W 1	N 1	— 0	— 0	— 0	0.0		1.0	6.2
21	N 1	NNW 1	NW 4	C 1	KN 7	Kn 10	6.0		1.7	8.4
D2 ^a	S 1.5	S N-W 1.4	S 1.7	N 6.9	Kn 6.7	Kn 4.4	5.9	49.0	14.3	52.7
21	NW 1	N 2	SE 1	C 9	Kc 5	— 0	4.6	25.0	1.5	6.2
22	N 2	NW 4	S 2	KN 9	" 5	N 10	8.0		2.0	8.2
23	W 1	S 4	" 1	N 10	N 10	" 10	10.0		0.5	0.5
24	S 1	SW 2	" 2	" 10	" 10	" 10	10.0		0.8	1.4
25	" 1	" 1	— 0	Kn 10	C 2	— 0	4.0		0.8	4.5
26	— 0	SE 1	S 1	— 0	K 2	— 0	0.6		0.8	5.9
27	— 0	SSE 2	" 1	— 0	" 4	S 2	2.0		2.0	8.2
28	N 1	Sw 1	N 3	KC 9	Kn 9	" 8	8.6		1.5	6.5
29	— 0	NW 8	" 4	— 0	" 8	— 0	2.6		3.4	12.2
30	N 6	N 9	" 2	S 4	" 6	Kn-S 7	5.6		2.4	8.2
D3 ^a	N S 1.3	SN 3.4	S 1.7	N 5.2	Kn 6.1	S 4.7	5.6	27.0	15.7	61.8
Mcz	Vr. 15	Vr. 2.0	S 1.4	KN 6.3	Kn 6.6	Vr. 4.7	5.8	91.6	50.5	176.6

Observatorio meteorológico "D. Bosco" — Culabá

TABELLA III

Resumo geral do Mez de Setembro de 1911

Frequencia dos Ventos durante o mez

VENTOS	7 a. m.	2 p. m.	9 p. m.	Sommas
N	10	5	7	23
NE	2	0	0	2
E	0	1	0	1
SE	0	21	2	4
S	8	6	10	24
SW	0	3	1	4
W	1	5	1	7
NW	3	7	1	11
Calmas	5	2	7	14
Sommas	30	31	29	90

BARÔMETRO REDUZIDO A 0º C.

Pressão media mensal	44.97
Maxima pressão durante o mez — Dia 14	49.11
Minima pressão durante o mez — Dia 30.	42.01
Media diaria maxima Dia 23	48.38
Media diaria minima Dia 5	43.06

TEMPERATURA CENTIGRADA AO ABRIGO

Media mensal	20.7
Maxima extrema — Dia 12	34.4
Minima extrema — Dia 24	18.0
Media diaria maxima—Dia 5-30	30.0
Media diaria minima — Dia 24	19.8

TEMPERATURA CENTIGRADA AO AR LIVRE

Media mensal	26.1
Maxima extrema — Dia 4	37.5
Minima extrema — Dia 24	16.0
Media diaria maxima—Dia 12	30.2
Media diaria minima — Dia 23	18.0

NUNES

Formas predominantes	Kn
Quantidade media	5.5
Dias claros	11
Dias nublados	19

CHUVA

Numero de dias com chuva	6
Total de agua recolhida	91 ^m /m6
Altura max. em 24 hors.	29.6

N.º DE DIAS

Manifestações electricas	10
Trovoadas	6
Nevoeiros	1
Orvalho	9
Dias sem brilho solar	4
Tensão media do vapor atmosferico	17 ^m /m98
Humidade relativa media	69 ^m /m7
Evaporação media diaria ao abrigo	1 ^m /m6
Evaporação media diaria ao sol	5 ^m /m8
Maior evaporação diaria ao abrigo — Dia 12	29 3 ^m /m4
Maior evaporação diaria ao sol — Dia 29	12 ^m /m2
Menor evaporação diaria ao abrigo — Dia 1	0 ^m /m4
Menor evaporação diaria ao sol — Dia 23	0 ^m /m5
Evaporação total ao abrigo	50 ^m /m5
Evaporação total ao sol	176 ^m /m6

Horas de insolação durante o mez 155 hs. 50', correspondendo a céu nublado. Sobresaihe a chuva d'este Mez de 1911 comparado com os de 908-909-910, havendo no 1º ann. 158 em 4 tempos: no 2º ann. 21.1 na 2ª decada; no 3º ann. 276 com distancia de 18 dias; em 1911 — 917 6 em tres epochas bem divididas.

Observatorio Meteorologico "Santa Cruz"

Dirigido pelos R. R. P. P. Salesianos em Araguaya - Mato-Grosso

Observações feitas durante o mez de Julho de 1911

Altitude approximada da Localidade: 188.^m—Latitude austral 15° 33' 27" 3

Longitude 9° 18' 57" 0 W do Rio de Jan.)

N.º DE OBSERVAÇÕES POR DIA: AS 6 A. M., AS 2 E 8 P. M. HORA LOCAL

TABELLA I

Julho 1911	Pressão barometrica reduzida á 0. ^a cent.					Temperatura centigrada á sombra				TEMP. SOL. OSCILLACÃO	Humidade relativa			
	6 a. m.	2 p. m.	8 p. m.	Media	Oscil.	Media	Max.	Min.	Oscil. da tem.		6 a. m.	2 p. m.	8 p. m.	Media
1	24.84	21.48	21.93	22.71	3.36	23.5	29.0	18.0	11.0	12	192.0	48.0	61.0	67.0
2	24.11	19.52	21.05	21.56	2.59	22.7	28.4	17.0	11.4	12	886.0	47.0	64.0	65.6
3	22.50	19.43	22.27	21.40	3.07	22.8	28.4	17.2	11.2	13	44.0	37.0	56.0	59.0
4	25.84	21.70	18.93	22.15	7.91	22.5	29.0	16.0	13.0	14	481.0	91.0	53.0	73.0
5	25.76	21.82	22.36	23.31	2.94	22.4	28.4	16.4	12.0	13	480.0	43.0	55.0	59.3
6	25.54	20.62	21.17	22.44	4.92	22.5	28.2	16.8	12.4	15	296.0	44.0	61.0	67.0
7	23.76	19.62	21.45	21.58	4.24	22.2	28.4	16.0	12.4	15	478.0	41.0	59.0	59.3
8	25.59	20.50	23.08	23.05	5.09	22.6	28.6	16.6	12.0	14	280.0	41.0	59.0	60.0
9	22.97	20.65	23.59	23.40	5.32	22.7	29.0	16.4	12.6	16	085.0	35.0	68.0	68.6
10	26.30	22.08	25.97	24.78	4.22	19.6	25.6	14.2	10.8	13	478.0	31.0	53.0	54.0
D. 1. ^a	25.02	20.73	22.18	22.63	4.36	22.3	27.7	16.4	11.7	14	081.0	57.6	58.9	66.8
11	27.57	22.70	24.76	25.01	4.87	16.4	22.8	10.0	12.8	14	670.0	32.0	46.0	49.3
12	28.28	23.20	23.52	23.00	5.08	24.4	28.2	10.6	13.8	16	965.0	38.0	46.0	49.2
13	26.57	22.11	22.38	23.62	4.46	25.2	27.8	10.4	14.8	18	078.0	33.0	47.0	52.6
14	26.45	21.05	21.45	22.98	5.40	27.4	28.6	10.8	16.6	25	275.0	34.0	78.0	62.3
15	25.43	20.81	21.96	22.74	4.59	28.4	29.4	12.6	15.8	19	675.0	98.0	46.0	71.6
16	25.31	19.49	19.47	21.52	5.84	30.6	30.0	14.0	16.6	19	474.0	35.0	49.0	52.6
17	22.75	19.70	20.91	21.12	3.05	29.0	29.0	18.8	10.2	12	274.0	52.0	72.0	66.0
18	21.98	21.04	20.85	21.28	1.13	29.4	29.2	20.0	9.4	10	248.0	55.0	61.0	54.6
19	26.52	21.73	23.25	23.83	4.79	27.0	27.8	22.2	4.8	11	893.0	57.0	62.0	68.3
20	25.96	17.61	19.09	20.88	8.35	29.6	26.4	17.0	12.6	15	176.0	43.0	57.0	62.0
D. 2. ^a	25.68	20.94	21.68	22.78	4.75	19.0	27.3	14.6	12.7	16	273.0	49.7	56.4	58.8
21	22.02	16.51	18.70	19.23	6.29	24.9	30.0	18.0	12.0	17	075.0	41.0	55.0	56.3
22	21.40	26.47	17.57	21.81	8.90	25.0	31.0	19.0	12.0	13	271.0	34.0	51.0	53.0
23	21.32	17.17	18.22	18.87	4.15	26.9	31.5	22.3	9.2	15	379.0	35.0	49.0	54.6
24	25.18	24.05	26.62	25.28	2.57	21.7	27.4	16.0	13.4	10	284.0	59.0	72.0	71.0
25	29.45	22.85	24.22	25.50	6.60	18.6	27.8	10.4	15.4	20	081.0	47.0	60.0	62.0
26	25.86	19.19	21.25	22.33	5.96	21.5	27.1	16.0	11.1	15	678.0	34.0	55.5	58.3
27	25.45	20.78	20.73	22.38	4.67	23.0	29.8	16.2	13.6	11	072.0	35.0	39.0	49.0
28	24.61	19.61	18.26	20.83	6.33	25.0	30.0	20.0	10.0	13	288.0	11.0	60.0	66.0
29	24.59	18.49	20.33	21.43	6.10	24.5	30.0	19.0	11.0	13	882.0	35.0	48.0	55.3
30	23.76	17.01	18.79	19.86	6.72	23.9	30.8	17.0	13.8	17	474.0	35.0	48.0	51.3
31	22.96	16.79	17.24	15.46	5.57	23.5	29.6	16.4	14.2	16	068.0	38.0	49.0	51.3
D. 3. ^a	24.23	20.04	20.07	20.21	5.89	23.4	29.5	17.3	12.4	14	177.0	40.3	54.2	57.2
Mez	24.97	20.57	21.31	21.88	4.97	21.7	28.1	16.1	12.2	14	78.3	49.2	56.5	60.9

Observatório meteorológico "SANTA CRUZ"
TABELLA II

Julho 1911	Vento <i>Direção—Força</i>						Nebulosidade <i>Forma—Fracção</i>						Chuva <i>Quant./dia</i>	EVAPORAÇÃO <i>em 24 horas</i>	
	6 a. m.	2 p. m.	8 p. m.	6 a. m.	2 p. m.	8 p. m.	Media	Abrigo	Exp.						
1	—	0	SE 6	—	0	—	0	K 5	K 3	1	—	3.8	10.0		
2	S	2	ESE 5	—	0	C	2	" 4	C 2	2.6	—	4.2	0.2		
3	—	0	N 5	E 1	1	"	7	" 8	" 3	6	—	4.4	9.4		
4	—	0	—	—	0	"	9	" 8	—	0	5.6	4.2	9.8		
5	—	0	S 2	—	0	"	10	KC 10	C 6	8.6	—	4.0	2.0		
6	—	0	SE 2	E 1	1	"	2	K 4	" 3	3	—	3.4	7.6		
7	—	0	N 2	"	1	"	2	CK 9	" 3	4.3	—	3.5	8.2		
8	—	0	"	"	1	"	8	C 10	" 9	9	—	4.2	9.0		
9	—	0	SW 2	SW 7	7	"	2	K 1	—	0	0.6	4.2	8.6		
10	—	0	SW 7	"	4	—	0	—	0	0	—	5.3	11.6		
D.1ª	S 0.2	N 3.3	E 1.5	—	—	—	—	C 4.2	K 5.8	C 2.8	4.3	—	4.1	8.5	
11	S	4	S 4	E 1	1	—	0	C 6	C 2	2.6	—	4.0	9.4		
12	S	2	—	—	0	C	4	—	0	1.3	—	3.8	9.0		
13	—	0	S 2	E 1	1	"	7	C 2	C 4	4.3	—	3.6	8.9		
14	—	0	—	—	0	"	8	" 4	" 2	4.6	—	3.5	8.2		
15	W	2	—	0	0	"	4	" 10	" 5	6.3	—	4.0	10.0		
16	SW	3	N 5	—	0	"	8	" 4	" 3	5	—	5.2	11.4		
17	—	0	"	5	0	"	10	CK 10	" 10	1.0	—	4.8	10.0		
18	—	0	"	5	N-E 3	"	10	C 10	" 4	8	—	4.5	9.4		
19	—	0	—	0	0	"	10	CK 8	KC 9	9	—	3.8	8.6		
20	—	0	N 5	EN-E 1	1	—	0	K 2	—	0	0.6	5.5	13.2		
D.2ª	S 1.1	N 2.6	E 0.6	—	—	—	—	C 6.1	C 5.6	C 3.9	5.3	—	4.2	9.8	
21	—	0	N 8	EN-E 3	3	—	0	—	0	0	—	6.1	16.0		
22	—	0	" 7	—	0	—	0	K 2	—	0	0.6	6.2	1.7		
23	—	0	" 8	—	0	C	5	S 2	—	0	2.3	6.0	18.0		
24	WSW	5	SW 5	S-W 6	6	S 10	CK 4	—	0	4.6	—	4.8	9.4		
25	SSW	4	S 3	SE 2	2	C 4	C 4	—	0	2	—	3.4	8.2		
26	—	0	" 2	E 1	1	—	0	K 9	K 2	3.6	—	4.1	9.0		
27	—	0	SE 3	—	0	—	0	—	0	0	—	4.0	11.0		
28	—	0	E 2	—	0	C 4	K 9	—	0	4.3	—	4.2	11.8		
29	—	0	N 5	E 2	2	—	0	KC 5	—	1.6	—	5.0	12.0		
30	—	0	" 5	" 2	2	C 6	C 9	—	0	5	—	5.8	13.0		
31	—	0	S 2	" 1	1	" 10	" 10	C 4	—	8	—	5.4	13.0		
D.3ª	WSW 0.8	N 4.5	E 1.5	—	—	—	—	C 3.5	C 4.8	C 3.5	2.9	—	5.0	12.5	
Mez	S 0.7	N 3.4	E 1.2	—	—	—	—	C 5.9	C 5.4	C 2.4	4.1	—	4.4	10.2	